



MARA LÚCIA BARBALHO DA CRUZ
CONSELHEIRA PRESIDENTE

LUÍS DANIEL LAVAREDA REIS JÚNIOR
CONSELHEIRO OUVIDOR

ELABORAÇÃO
MANOELLA NEGRÃO
COORDENADORA OUVIDORIA TCM-PA

EQUIPE DE APOIO
ROSANA MALCHER
PEDRO VITOR FERNANDES
KALEBE SILVA

APOIO
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
DIAGRAMAÇÃO





[...] A LITERATURA DE CORDEL FLORESCEU TAL QUAL FLOR DE CACTO, BELEZA NASCIDA EM MEIO AO NADA PARA ENCHER A VIDA DE TUDO. NÃO FOI EM ASAS DE PASSARINHO QUE AS SEMENTES DO CORDEL SE ESPALHARAM AOS QUATRO VENTOS [...]. FOI NAS RIPAS DURAS E SUADAS DOS BANCOS DO PAU-DE-ARARA.

PEDRO **AFONSO** VASQUEZ

INTRODUÇÃO

OS SERES HUMANOS E AS "REALIDADES IMAGINADAS" OU POR QUE OS SERES HUMANOS VOTAM PARA PRESIDENTE ENQUANTO OS CHIMPANZÉS VIVEM EM ZOOLOGICOS?

Os seres humanos – nós – governamos o mundo. Votamos no presidente, compramos alimentos no supermercado (já embalados, colhidos na área rural, provavelmente por grandes máquinas), vemos filmes e séries em nossos aparelhos de televisão, fofocamos sobre a vida de celebridades estrangeiras, comentamos sobre a vida de outras pessoas na internet, planejamos comprar um celular moderno da marca mais famosa, estudamos para ser advogados, encanadores, matemáticos, médicos, etc... Ufa. Tudo isso é considerado normal. Ninguém vai ver um filme na Netflix e se pergunta: "Por que eu consigo entender a história desse filme, decidir se gosto ou não e depois recontá-la para um amigo, dizendo ainda o que eu mudaria no final?"

Mas é uma questão interessante – Porque os seres humanos conseguem fazer todas essas coisas e outros animais, como os chimpanzés, não? Afinal, não somos mais fortes que um leão, não corremos mais rápido que um guepardo (115km/h), nem nadamos melhor que um golfinho ou voamos sem um avião.

Pesquisas científicas atuais demonstram que existe uma similaridade de 70% entre o DNA de chimpanzés e seres humanos. Sim, não parece nada quando consideramos que ainda temos 30% de diferença (antigamente se acreditava que a semelhança era de 99%!), mas 30% parece POUCO quando consideramos que os chimpanzés vivem em florestas ou em zoológicos, são as vezes caçados por diversão e comem larvas, enquanto nós fizemos dancinhas no Tik Tok.

No livro O Planeta dos Macacos de Pierre Boule, o astronauta americano George Taylor vai parar por acidente em um planeta dominado por macacos, cujas ações são parecidíssimas com o nosso comportamento humano – eles usam roupas, têm empregos, se casam, fazem guerras e utilizam dinheiro para comprar e vender produtos em mercados. Na verdade, eles inclusive escravizam os seres humanos, mantendo-os em jaulas, pois acreditam que os humanos são inferiores, já que vivem na floresta, caçam e colhem para comer e não pensariam ou fariam.

Parece familiar, não é mesmo?

Então, por que somos capazes de fazer tudo isso, mesmo sendo inferiores em força e velocidade aos animais? Uma teoria científica muito interessante é a das "Realidades Imaginadas". Os seres humanos teia a posição atual em relação aos animais, não só porque possuímos uma linguagem (a maioria dos animais se comunicam uns com os outros – alguns, como os chimpanzés, possuem uma linguagem complexa), mas sim em razão de contarmos histórias e acreditarmos nas mesmas, o que permitiria que trabalhássemos em conjunto para um fim comum.



Quando falo em histórias você pode pensar em contos de fada, lendas ou fofocas. Não é bem isso que quero dizer – apesar de eles fazerem parte. Essas histórias, na verdade, seriam as tais “realidades imaginadas” - invenções humanas que permitem que pessoas que não se conhecem acreditem na mesma ideia e trabalhem juntas.

É mais fácil entender em um exemplo. Quando eu vou ao shopping e compro uma blusa no cartão de crédito eu estou basicamente vivendo dentro dessa realidade imaginada. Pense bem! O cartão de crédito é, na verdade, um pedaço de plástico colorido – mas eu e o vendedor acreditamos que ele pode ser usado para comprar coisas (tal como o dinheiro) e, como nós dois aceitamos que coisas como crédito, bancos, SERASA (“ficar com o nome sujo na praça”) existem, trabalhamos juntos: eu compro e ele vende. É quase irreal quando realmente paramos para pensar nisso.

O cartão de crédito, o banco e o dinheiro são invenções humanas. Te garanto que se eu me aproximar de um leão na savana africana, que acabou de caçar seu almoço, tentando comprar um pedaço de carne parcelado com meu brilhante pedacinho de plástico, EU vou virar a próxima refeição.

Essas “realidades imaginadas” são histórias e nós acreditamos nelas. Entenda que não é porque digo “histórias” que estas ideias seriam bobas ou foram fácies de serem criadas (algumas levaram séculos!) - afinal ninguém vai defender que a ideia de comércio exterior, ordenamento jurídico, noções de engenharia elétrica ou as técnicas da medicina são bobas. Mas são histórias, pois foram uma criação da mente humana e só quando as outras pessoas passaram a acreditar nelas é que as mesmas se espalharam pelo mundo e se tornaram normais!

A Cidadania pode ser pensada da mesma forma! É uma realidade imaginada, uma história, uma ideia, na qual acreditamos. Isso faz com que seja possível que votemos no presidente e no governador, que possamos lutar para que se construam mais escolas e creches e que tenhamos leis que protejam o meio ambiente.

NEM SEMPRE FOI ASSIM.

Houve uma época em que a história que todo mundo acreditava era outra. E se hoje pode parecer estranho um mundo em que ninguém pudesse votar, que as pessoas não pudessem comprar um terreno ou uma casa por terem nascido na classe errada (e não por falta de dinheiro!), naquela época era normal. A cidadania foi uma história construída durante muito tempo. Foi um direito conquistado - a própria ideia de que a cidadania é um direito foi criada e teve que ser “vendida” para as outras pessoas (por vezes por meio da violência e, em outras situações, através de lendas, contos de fada e fofocas).

Vivemos hoje em um mundo em que na maioria dos países as pessoas acreditam na “realidade imaginada” chamada cidadania. Acreditamos nela aqui no Brasil, por exemplo. Temos leis que possibilitam seu exercício, ações judiciais especiais para brigar por ela na Justiça, votamos...

No primeiro domingo de outubro, em anos de eleição, eu vou até uma zona eleitoral, escolho um candidato e voto para prefeito. Essa ação de simples não tem nada – os milhões de eleitores que farão a mesma coisa são completos estranhos, mas o morador de Gramado no Rio Grande do Sul e o de Jacareacanga (interior do Pará) realizarão a mesma atividade, cada um escolhendo um governante para sua cidade. Por que todos eles acreditam que o voto é a melhor maneira de escolher um candidato? Por que todos eles acreditam que eles têm o direito de escolher alguém e não, por exemplo, que a família com mais dinheiro da cidade tome as decisões?

Afinal, como a história da cidadania foi “inventada” e como as pessoas ao redor do mundo passaram a acreditar e a lutar por ela? É tudo tão normal que não paramos para pensar como essa ideia é grande e importante ou sobre o tempo em que ela não existia. As vezes nem entendemos direito o que é.

Queremos com estes encontros justamente apresentar para vocês essa história, a cidadania – seu nascimento, a aceitação dela pelas pessoas, como pode ser exercitada, etc.



A LITERATURA ORAL

O REPENTE E A LITERATURA DE CORDEL

POIS BEM.

Precisamos de histórias para vivermos em sociedade e nos comunicar e cooperar com estranhos. Essa noção pode parecer simples, mas pense o seguinte: para cada ação que você toma em sociedade, é necessário que várias pessoas que não se conhecem acreditem na mesma coisa!

MAS, POR QUE TODOS ACREDITAM NA MESMA HISTÓRIA?

É uma pergunta complexa, cada ramo da ciência analisará de uma maneira, além de envolver vários acontecimentos – como a ideia surgiu, o momento histórico, as características da população envolvida e a forma de propagação da ideia, etc.

Neste módulo vamos observar uma das formas de propagação das histórias – a literatura oral.

Como já vimos no Módulo Zero, todos os textos (orais ou escritos) consideram os elementos da comunicação, a fim de alcançar sua intenção. Assim, todo o texto tem uma finalidade e o emissor o constrói da forma que entenda melhor para que os receptores possam compreender sua intenção.

Ora, se a minha intenção é que meu interlocutor saiba que já existiu uma espécie de pássaro chamado Dodô, hoje extinto, que é um personagem no livro "Alice no País das Maravilhas", eu devo criar meu texto da melhor forma para que ele entenda a ideia. Se for uma criança de três anos, por exemplo, talvez eu mostre uma figura de um Dodô e, dando uma nova entonação de voz, conte uma história empolgante e divertida sobre o pássaro. Mas se minha intenção for transmitir esta noção para um senhor de 70 anos, com mestrado em biologia e especialidade em espécies de pássaros extintos, não seria uma boa ideia mexer meus braços como se fossem asas e mudar minha voz, enquanto aponto para um desenho. Imagino que uma relação profissional seria quase impossível depois disso. Para dizer o mínimo.

Em alguns textos a intenção pode ser espalhar a noção de um modo de vida determinado, que será bom para nós e, por isso, deveríamos segui-lo.



As narrativas são uma das formas utilizadas para esse propósito. Afinal, quando ouvimos ou lemos uma história (ou até mesmo vemos um filme), imaginamos os acontecimentos e refletimos sobre eles. Uma criança ao ouvir o conto de fadas "Chapeuzinho Vermelho", pode comentar que a menina não teria encontrado o lobo se tivesse obedecido sua mãezinha e ido direto para a casa da avó, sem entrar na floresta para colher flores. Quando a mesma criança receber uma ordem de sua mãe, ela pode comparar sua situação com a da menina que acabou na barriga do lobo e escolher seguir a regra ao pé da letra.

A LITERATURA ORAL

É uma forma de construir o texto que leva em conta o receptor e a melhor forma de alcançar a intenção do emissor. Se trata de uma arte improvisada, na qual o narrador (sabendo as personagens e os fatos principais da história), improvisa o "fraseado". Em outras palavras, o emissor vai, oralmente, contar uma história.

Quando contamos um fato, uma lenda, um conto de fadas, um episódio histórico ou simplesmente fofocamos, estabelecemos uma relação com o receptor – ele está nos ouvindo, nossos olhares se cruzam, ele observa os gestos de nossas mãos no decorrer da história, a entonação de nossa voz.

Concorda comigo que é um pouco mais pessoal que ler um jornal?

Principalmente quando o nosso interlocutor não sabe ler (e por isso desconhece as maravilhas de exercitar a própria imaginação). Quando temos uma população em sua maioria analfabeta, o texto deve ser apresentado da melhor forma possível para que o conhecimento possa ser retido.

Como já comentamos, o fato de um texto ser oral não significa que ele é inferior a um texto escrito – apenas que outras habilidades são necessárias para compreendê-lo. Tanto a oralidade como a escrita são instrumentos de transmissão de conhecimento – técnicas utilizadas em diferentes sociedades, a fim de impactar a vida dos homens. Além do mais, oral ou escrito, o texto precisa ser interpretado pelo receptor, de acordo com sua visão de mundo, para que seu verdadeiro sentido seja entendido e o receptor possa, finalmente, decidir se concorda com ele ou não.



O REPENTE

É uma destas formas de Literatura Oral. Junto com a Literatura de Cordel, que veremos a seguir, é famoso por ser uma representação artística típica do nordeste brasileiro. Ele é a poesia feita pelos cantadores, improvisada (de repente), sendo geralmente acompanhada de instrumentos musicais, como a viola nordestina ou o pandeiro.

O Repente não se originou no Brasil. Possivelmente ele descende do Trovadorismo Português, uma das formas de arte mais antigas de Portugal – a Cantiga da Ribeirinha é, inclusive, o texto que inaugurou a literatura portuguesa em 1198. O Trovadorismo era uma reunião de cantigas performadas pelos trovadores, em uma reunião entre poesia e música, cantadas em celebrações, feiras, assim como também nos castelos durante o final da Idade Média.



Uma das versões que explica como essa forma de arte chegou ao Nordeste brasileiro, conta que trovadores mouros e os curraleiros (criadores à procura de novas terras para seus rebanhos), ao navegar o Rio São Francisco, povoaram a região do sertão nordestino e trouxeram as histórias de cordel de Portugal. Essas foram adaptadas pelos nativos e deram origem a Literatura de Cordel brasileira e ao Repente (poesia improvisada pelos repentistas).

"Veio da antiguidade
Do tempo medieval
No Brasil colonial
Adquiriu qualidade
Foi levando pra cidade
As denúncias do tormento
Mostrando o mundo cruel
Queremos para o cordel
Seu registro e tombamento"

(Ivamberto ALBUQUERQUE, pedido de inscrição da literatura de cordel como patrimônio imaterial)

O repente é uma forma de arte, praticado geralmente em dupla, com acompanhamento musical de viola, em forma de desafio, no qual cada repentista é desafiado a compor versos na hora (de repente) e os ouvintes são convidados a decidir qual repentista foi mais criativo em seus versos. Por muito tempo a cantoria só existia no contexto interiorano, campestre. A partir do êxodo rural observado no território nordestino em diferentes épocas da história, a viola acompanhou o povo até a zona urbana, resultando em uma maior popularidade e o aumento no número de artistas.

IMPORTANTE DIZER

Que a arte dos "violeiros do Nordeste" é amplamente reconhecida. Manuel Bandeira, importante poeta brasileiro, afirmou em um de seus poemas, que os verdadeiros poetas seriam aqueles que inventam em "verdadeira improvisação". Ainda que a arte dos "violeiros do Nordeste" é amplamente reconhecida. Manuel Bandeira, importante poeta brasileiro, afirmou em um de seus poemas, que os verdadeiros poetas seriam aqueles que inventam em "verdadeira improvisação".



CANTADORES DO NORDESTE (Manuel Bandeira)

Anteontem, minha gente
Fui juiz numa função
De violeiros do Nordeste
Cantando em competição.

Vi cantar Dimas Batista,
Otacílio, seu irmão.
Ouvi um tal de Ferreira,
Ouvi um tal de João.

Um a quem faltava um braço,
Tocava cuma só mão;
Mas, como ele mesmo disse,
Cantando com perfeição,
Pra cantar afinado,
Pra cantar com paixão,
A força não está no braço,
Ela está no coração.

Ou puxando uma sextilha
Ou uma oitava em quadrão.
Quer a rima fosse em inha,
Quer a rima fosse em ão,
Caíam rimas do céu,
Saltavam rimas do chão!
Tudo muito bem medido
No galope do sertão
A Eneida estava boba,
O Cavalcante, bobão,
O Lúcio, o Renato Almeida;
Enfim toda a comissão.

Saí dali convencido
Que não sou poeta, não;
Que poeta é quem inventa
Em boa improvisação,
Como faz Dimas Batista
E Otacílio, seu irmão;
Como faz qualquer violeiro
Bom cantador do sertão,
A todos os quais, humilde,
Mando a minha saudação!



A LITERATURA DE CORDEL

O REPENTE É A REPRESENTAÇÃO ORAL DO CORDEL

O termo "Cordel" é de herança portuguesa e foi introduzido no Brasil em fins do século XVIII. Esse tipo de manifestação tem como principais características a oralidade e a presença de elementos da cultura brasileira.

Oposta à literatura tradicional (impressa nos livros), a literatura de cordel é uma tradição literária regional. Ela se baseia na cultura popular, por meio dos "causos", mitos e as narrativas do povo que preenchem o imaginário popular.

A palavra "cordel", em português antigo, significa barbante. Antigamente os cordelistas (autores de cordéis) penduravam seus livretos em fios de barbante em locais públicos, para que os leitores pudessem escolher quais gostavam e compra-los. Como os livros ficavam pendurados em um fio de "cordel", esse estilo de arte passou a ser conhecido como literatura de cordel.

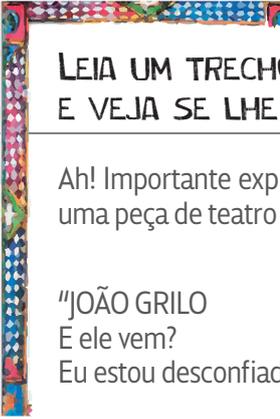


O cordel, também chamado de "folheto" ou "livro de feira", engloba toda a tradição popular nordestina, atuando como um propagador das tradições dessa região, eternizando as narrativas cantadas pelos repentistas (violeiros).

Assim, o é de inestimável importância na manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, contribuindo para a perpetuação do folclore brasileiro.

Acredite, você mesmo deve conhecer alguma história de cordel! Se você já viu o filme "O Auto da Compadecida", saiba que este filme foi baseado no livro de Ariano Suassuna que, por sua vez, é fundamentado nos contos do famoso cordelista Leandro Gomes de Barros (considerado um dos primeiros autores a produzir cordéis no Nordeste!).





**LEIA UM TRECHO DO LIVRO "O AUTO DA COMPADECIDA"
E VEJA SE LHE SOA FAMILIAR.**

Ah! Importante explicar que Ariano Suassuna, na verdade, escreveu o texto para ser representado como uma peça de teatro (e já o foi, várias vezes!), então o texto pode soar um pouco estranho para você!

JOÃO GRILO

E ele vem?

Eu estou desconfiado, Chicó. Você é tão sem confiança!

CHICÓ

Eu, sem confiança? Que é isso, João, está me desconhecendo? Juro como ele vem. Quer benzer o cachorro da mulher para ver se o bicho não morre. A dificuldade não é ele vir, é o padre benzer. O bispo está aí e tenho certeza de que o Padre Jo-ão não vai querer benzer o cachorro.

JOÃO GRILO

Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ

Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada demais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO

Que é isso, Chico? (Passa o dedo na garganta.) Já estou ficando por aqui com su-as histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com "não sei, só sei que foi assim".

CHICÓ

Mas se eu tive mesmo o cavalo, meu filho, o que é que eu vou fazer? Vou mentir, dizer que não tive?

JOÃO GRILO

Você vem com uma história dessas e depois se queixa porque o povo diz que vo-cê é sem confiança.

CHICÓ

Eu, sem confiança? Antônio Martinho está para dar as provas do que eu digo.

JOÃO GRILO

Antônio Martinho? Faz três anos que ele morreu.

CHICÓ

Mas era vivo quando eu tive o bicho

JOÃO GRILO

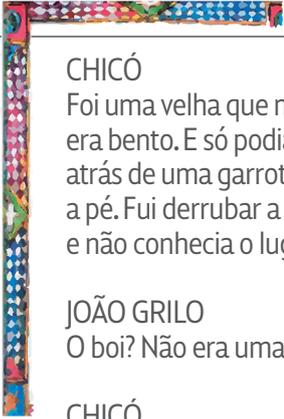
Quando você teve o bicho? E foi você quem pariu o cavalo, Chico?

CHICÓ

Eu não. Mas do jeito que as coisas vão, não me admiro mais de nada. No mês passado uma mulher teve um, na serra do Araripe, para os lados do Ceará.

JOÃO GRILO

Isso é coisa de seca. Acaba nisso, essa fome: ninguém pode ter menino e haja ca-valo no mundo. A comida é mais barata e é coisa que se pode vender. Mas seu cavalo, como foi?



CHICÓ

Foi uma velha que me vendeu barato, porque ia se mudar, mas recomendou todo cuidado, porque o cavalo era bento. E só podia ser mesmo, porque cavalo bom como aquele eu nunca tinha visto. Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele a pé. Fui derrubar a novilha já de noitinha, mas quando acabei o serviço e enchoca-lhei ares, olhei ao redor, e não conhecia o lugar onde estávamos. Tomei uma ve-reda que havia assim e aí tangendo o boi...

JOÃO GRILO

O boi? Não era uma garrota?

CHICÓ

Uma garrota e um boi.

JOÃO GRILO

E você corria atrás do dois de uma vez?

CHICÓ, irritado

Corria, é proibido?

JOÃO GRILO

Não, mas eu me admiro é eles correrem tanto tempo juntos, sem me apertarem. Como foi isso?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. Saí tangendo os bois e de repente avistei uma cida-de. É uma história que eu não goste nem de contar.

JOÃO GRILO

Conte, conte sempre, você está em casa.

CHICÓ

Você sabe que eu comecei a correr da ribeira do Taperoá, na Paraíba. Pois bem, na entrada da rua perguntei a um homem onde estava e ele me disse que era Pró-pria, de Sergipe.

JOÃO GRILO

Sergipe, Chicó?

CHICÓ

Sergipe, João. Eu tinha corrido até lá no meu cavalo. Só sendo bento mesmo.

JOÃO GRILO

Mas Chicó, e o rio São Francisco?

CHICÓ

Lá vem você com sua mania de pergunta, João.

JOÃO GRILO

Claro, tenho que saber. Como foi que você passou?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. Só podia estar seco nesse tempo, porque não me lembro quando passei...E nesse tempo todo o cavalo ali comigo, sem reclamar nada!

JOÃO GRILO

Eu me admirava era se ele reclamasse.

CHICÓ

É por causa dessas e de outras que eu não me admiro mais de nada, João. Ca-chorro bento, cavalo bento, tudo isso eu já vi."

(O Auto da Compadecida, Ariano Suassuna)



TIPOS E TEMÁTICAS

Como parte do gênero "literatura oral", a literatura de cordel não foi feita para uma literatura silenciosa – a oralidade é uma de suas características mais preponderantes! As comunidades se reuniam para ler o folheto, representando-o de forma teatral.

Mesmo assim, não podemos concluir que o cordel não possuía uma métrica (conjunto de regras que presidem a versificação ou, em outras palavras, as regras para se escrever poesia de um certo jeito!) – de fato, a maioria dos cordéis são escritos em sextilhas (seis versos agrupados).

As temáticas dos cordéis fortalecem a identidade regional, como o suplício da seca. Com o tempo e a variedade de temas, os cordéis são didaticamente separados em alguns tipos:

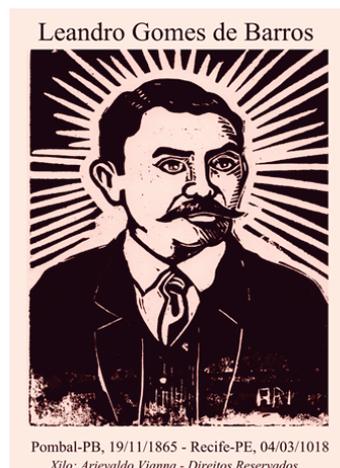
- **Cordéis de Romance** – o tema desta literatura são as histórias de amor e sofrimento.
- **Cordéis de Contos de Encantamento** – exploram histórias sobre príncipes, fadas e reinos encantados.
- **Cordéis de Narrativas de Feitos** – recontam a vida de figuras do imaginário nordestino, como Lampião e Maria Bonita, Antônio Conselheiro e o Padre Cícero.
- **Cordéis de Contos de Exemplos** – objetivam corrigir comportamentos tidos pela sociedade como errados, possuem uma moral.
- **Cordéis Noticiosos** – relatam acontecimentos marcantes da atualidade do Nordeste.

O CORDEL E A INFORMAÇÃO

Os cordéis noticiosos, portanto, possuem como tema notícias importantes, como guerras, enchentes ou grandes acidentes. De fato, antes que fosse comum a venda e distribuições de jornais (na época em que o jornal televisivo ainda era um simples sonho), a literatura de cordel era fonte de informação!

Observe dois cordéis escritos pelo cordelista Leandro Gomes de Barros, nos quais o autor introduz poderosa crítica social a Primeira República brasileira (início em 1889).

"Chamam esse século de luzes
Eu chamo esse século de brigas
A época das ambições
O planeta das intrigas
Muitos cachorros num osso
Um pau com muitas formigas.
Então depois da República
Tudo causa terror
Cacete não faz estudo
Mas tem carta de doutor
A cartucheira é a lei
O rifle governador!"
(Leandro Gomes de Barros, 1912)



Veja, portanto, que a literatura de cordel caracteriza-se pela linguagem acessível e por seu conteúdo informacional diversificado (facilitando sua transmissão e as-similação pelos leitores e/ou ouvintes). Mostra-se ainda como fonte de informação, que abrange várias áreas do conhecimento, e não somente assuntos relacionados ao universo da cultura popular.

CULTURA COMO FONTE DO SABER

Todo ser humano é dotado de cultura, pois nós a "herdamos" logo que nascemos (herança cultural). Afinal, essa cultura herdada é a forma como entendemos e nos relacionamos com o mundo a nossa volta. Grande parte dela se origina dos ensinamentos que recebemos de nossa família e da sociedade a nossa volta (vizinhos, amigos, colegas), da nossa escola e até do lugar onde vivemos.

Nós, nascidos na região amazônica, herdamos uma cultura específica. Nela, por exemplo, temos a história da Matinta Pereira e seu desejo por fumo. Uma criança que tenha nascido e vivido no Rio Grande do Sul, por exemplo, provavelmente não conhecerá essa história "desde sempre", apenas a aprenderá se pesquisar sobre a mesma, entretanto ele possui cultura diversa, como o conhecimento da lenda do "negrinho do pastoreiro".

Temos culturas diferentes!

A CULTURA NÃO É ÚNICA

Ela é o agir, pensar, viver, produzir, expressar e transformar de um povo. Assim, se terá tantas culturas quantos temos povos. A cultura é plural e dinâmica.

Porém, existe uma definição restrita de cultura que é aceita e propagada socialmente. Este conceito enxerga a cultura como uma "coisa", cuja apenas parcela privilegiada da sociedade tem. Esse conceito identifica a cultura como a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos como sendo a cultura certa e levando a diferenciação entre cultos e incultos.

Pessoas que gostam de ouvir óperas, por exemplo, são geralmente elogiadas como cultas, enquanto outras que adoram ver novelas são taxadas como incultas. Entretanto, óperas possuem em seu roteiro, muitas vezes, histórias tão mirabolantes e dramáticas quanto a novela das nove horas.

A ópera Tosca, do compositor italiano Giacomo Puccini (1858-1924), por exemplo, narra a trama da célebre cantora de ópera Flória Tosca, do pintor Mario Caravadosi e do chefe de polícia Baron Scarpia. A ação se passa em 1800, quando a Itália era ameaçada pela invasão do exército de Napoleão Bonaparte. Caravadosi e Tosca estão apaixonados, porém o pintor é simpatizante de Napoleão e é perseguido por Scarpia, que é obcecado pela cantora de ópera – criando assim o cenário para uma tragédia.

Me conta se essa história não está digna de uma novela?

ESSE CONCEITO RESTRITO DE CULTURA

Também chamado de cultura erudita, é baseado na ideia de que cultura é sinônimo de sabedoria, assim ter cultura é ter "posse do saber". Essa noção leva a um entendimento equivocado de que apenas os "cultos" possuíam cultura e as demais camadas sociais são desprovidas desta. Como já vimos, isto não é verdade.

A cultura dita "popular" é tão rica e interessante como a famosa "cultura erudita". Mais ainda: todas as culturas se encontram e se influenciam mutuamente. O cordel de romances, por exemplo, sofreu influência dos romances europeus de amor e sofrimento!



TIPOS DE CULTURA

DIVISÃO DIDÁTICA

Já vimos que os diferentes tipos de cultura não se desenvolvem isoladamente, mas sim interagem e contribuem para a transformação umas das outras. Logo, essa divisão serve para compreendermos o termo "cultura" um pouco melhor e não para acreditarmos que um tipo não possui qualquer identidade com os outros.

Cultura erudita - é tida como aquela produzida em ambiente acadêmico e sua transmissão dá-se, principalmente, por meio da escrita.

Cultura de massa - produto da indústria cultural, é transmitida pelos meios de comunicação de massa e visa a atingir um público genérico, em diferentes camadas socioeconômicas. A indústria cultural incorpora elementos das diferentes culturas e as transformam em um "produto". Em outras palavras, a cultura de massa transforma os objetos culturais em "bens de consumo", ditando assim novos padrões de consumo e comportamento. Os filmes de super herói, por exemplo, são um tipo de cultura de massa.

Cultura popular - é o "conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social" (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995). Apesar da palavra tradição poder dar a impressão que a cultura popular se baseia no passado, veja que a cultura é viva e se modifica no decorrer do tempo, então a cultura popular está em constante transformação e construção!

O cordel, assim, seria um exemplo de cultura popular e tão dinâmico como a relação entre as culturas, afinal apesar do cordel ter se originado de terras europeias, aqui no Brasil ele adquiriu características tipicamente nordestinas.

"No Nordeste brasileiro
Da Bahia ao Maranhão
Do litoral ao sertão
Encontram-se os violeiros
E os poetas folheteiros
As mãos cheias de exemplares,
Poemas, trovas, cantares
Feitos por esses artistas:
Cantadores, repentistas
E poetas populares."

(José Alves Sobrinho)



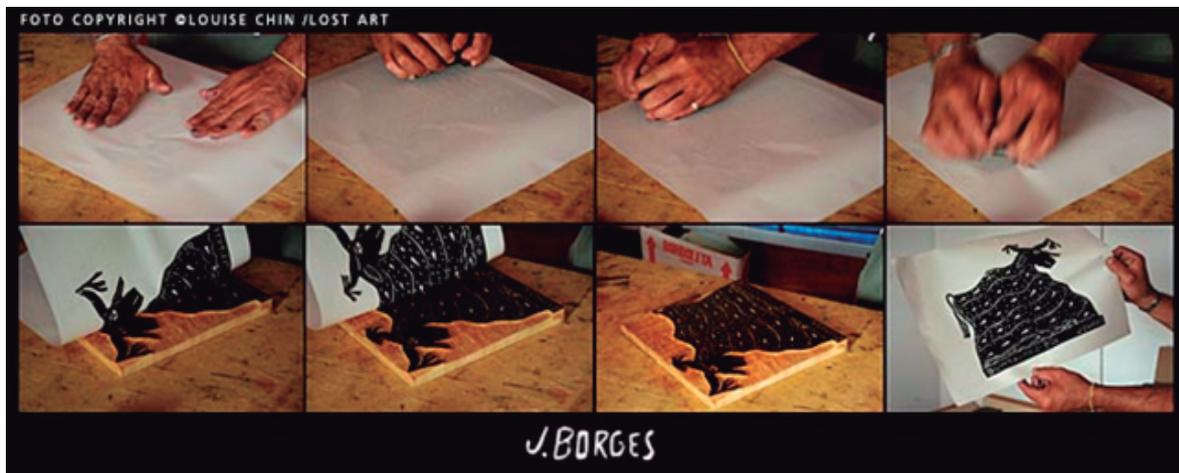
XILOGRAVURA

ARTE PARCEIRA DO CORDEL

Vamos recordar que o cordel era produzido de forma a se popularizar entre leitores poucos familiarizados com a escrita. Dessa forma, os cordelistas e os editores encontraram nas capas dos folhetos um espaço importante para associar o texto verbal a uma imagem e permitindo uma melhor memorização do título do cordel e da narrativa em verso na memória dos leitores.

Essas imagens foram feitas de diversas formas, à lápis ou mesmo com carvão, porém nenhuma técnica perdurou e ficou tão famosa quanto a técnica da xilogravura.

Técnica milenar chinesa, a xilogravura foi definida pelo gravador-cirurgião João Pedro do Juazeiro como "um desenho escavado na madeira. O escavado é o branco, o preto é o alto relevo". Por que cirurgião? Segundo o próprio artista, ele é cirurgião que, com um taco de madeira, faz ressurgir seres que estavam adormecidos.



Produzida a partir de um pedaço de madeira, a técnica da xilogravura (passada de pai para filho) se incorporou de maneira intensa na literatura de cordel, tanto que hoje um folheto de cordel sem uma xilogravura causa estranheza. Utilizada inicialmente para diminuir os custos de impressão nas cidades do interior, bem como acelerar o processo de impressão dos folhetos, a xilogravura conferiu outra identidade visual ao folheto.

Exemplos, de xilogravura? Você já viu vários. Aproveitando que nossa apostila apresentou a você a literatura de cordel, ela é toda ilustrada com várias xilogravuras, a maioria do mestre Jorge Borges. Se você quiser ver uma xilogravura pessoalmente, nos visite na Ouvidoria! Porém, se você quiser mais uma em sua apostila, segue exemplo pelo próprio mestre Borges representando a vida no ser-tão!



E A HISTÓRIA DA XILOGRAVURA NA LITERATURA DE CORDEL? MELHOR QUE O PRÓPRIO CORDE-LISTA A CONTE!

"Cem anos de xilogravura na literatura de Cordel

Brasília está promovendo
Uma festa da cultura
Que trata sobre os 100 anos
Da nossa xilogravura
Impressa sobre o papel
Dos folhetos de cordel
Popular literatura.

(...)

Mil novecentos e sete
Conforme a história apura
Foi o ano em que o cordel
Casou com a xilogravura
Num "taco" bem pequenino
Gravaram Antônio Silvino
Numa tosca iluminura.

Antes disso só havia
A chamada "capa cega"
Com letras e arabescos
Assim a história prega
E quem conhece a história
Puxando pela memória
Essa verdade não nega.

(...)

A gravura popular
Está muito divulgada
Até no primeiro mundo
É exposta e pesquisada
Arte simples do sertão
Na Europa e no Japão
Se tornou admirada.

Brasília que sempre foi
Porto de muitas culturas
Vai expor em grande estilo
A coleção de gravuras
Que vale mais do que ouro,
Um verdadeiro tesouro
Para as gerações futuras."



Arievaldo Viana e Marco Haurélio, para ler a versão completa, clique aqui)
link: <http://www.ablc.com.br/cem-anos-de-xilogravura-na-literatura-de-cordel/>.

E QUE TAL AGORA LER UM TRECHO DE UM CORDEL?
VOCÊ LERÁ UM DOS CORDÉIS MAIS FAMOSOS,
CONSIDERANDO QUE É UM DOS MAIS ANTIGOS DO BRASIL!
VAMOS TODOS VIAJAR PARA AS TERRAS DO ORIENTE NO CORDEL
"O PAVÃO MISTERIOSO" DE JOSÉ CAMELO!



Eu vou contar uma história
De um pavão misterioso
Que levantou voo na Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso.
Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais novo
Se chamava Evangelista.
O velho turco era dono
Duma fábrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bens possuídos
Deu de herança a seus filhos
Porque eram bem unidos.

(...)

Um dia João Batista
Pensou pela vaidade
E disse a Evangelista:
- Meu mano eu tenho vontade
de visitar o estrangeiro
se não te deixar saudade.

(...)

Respondeu Evangelista:
- Vai que ficarei
Regendo os negócios
Como sempre eu trabalhei
Garanto que nossos bens
Com cuidado zelarei.

- Quero te fazer um pedido:
Procure no estrangeiro
Um objeto bonito
Só para rapaz solteiro;
Traz pra mim de presente
Embora custe dinheiro.

João Batista prometeu
Com muito boa atenção
De comprar um objeto
De gosto do seu irmão
Então tomou um pacote
E seguiu para e Japão.

(...)

João Batista entrou na Grécia
Divertiu-se em passear
Comprou passagem de bordo
E quando ia embarcar
Ouviu um grego dizer:
Acho bom se demorar.

João Batista interrogou:
- Amigo, fale a verdade
Por qual motivo o senhor
Manda eu ficar na cidade?
Disse o grego: - vai haver
Uma grande novidade.

- Mora aqui nesta cidade
Um conde muito valente
Mais soberbo do que Nero
Pai de uma filha somente
É a moça mais bonita
Que há no tempo presente.

- É a moça em que eu falo
Filha do tal potentado
O pai tem ela escondida
Em um quarto do sobrado
Chama-se Creuza e criou-se
Sem nunca ter passeado.

- De ano em ano essa moça
Bota a cabeça fora
Para o povo adorá-la
No espaço duma hora
Para ser vista outra vez
Tem um ano de demora.

O conde não consentiu
Outro homem educá-la
Só ele como pai dela
Teve o poder de ensiná-la
E será morto o criado
Que dela ouvir a fala.

Os estrangeiros têm vindo
Tomarem o conhecimento
Amanhã ela aparece
No grande ajuntamento
É proibido pedir-se
A mão dela em casamento.

“O PAVÃO MISTERIOSO” DE JOSÉ CAMELO!

Então disse João Batista:
- Agora vou me demorar
Para ver essa condessa
Estrela deste lugar
Quando eu chegar à Turquia
Tenho muito o que contar.

Logo no segundo dia
Creuza saiu na janela
Os fotógrafos se vexaram
Tirando o retrato dela
Quando inteirou uma hora
Desapareceu a donzela.

João Batista viu depois
Um retratista vendendo
Alguns retratos de Creuza
Vexou-se e foi dizendo:
- Quanto quer pelo retrato?
Porque comprá-lo pretendo.

O fotógrafo respondeu:
- Lhe custa um conto de réis.
João Batista ainda disse:
- Eu compro até por dez
Se o dinheiro não der
Empenharei os anéis.

João Batista voltou
Da Grécia para a Turquia
E quando chegou em Meca
Cidade em que residia
Seu mano Evangelista
Banqueteou o seu dia.

Então disse Evangelista:
Meu mano vá me contando
Se viste coisas bonitas
Onde andaste passeando
O que me traz de presente
Vá logo me entregando.

Respondeu João Batista:
- Para ti trouxe um retrato
De uma condessa da Grécia
Moça que tem fino trato
Custou-me um conto de réis
Ainda achei muito barato.

(...)

Evangelista voltou
Com o retrato na mão
Tremendo, quase assustado
Perguntou a seu irmão
Se a moça do retrato
Tinha aquela perfeição.

Respondeu João Batista:
- Creuza é muito mais formosa
Do que o retrato dela
Em beleza é preciosa
Tem o corpo desenhado
Por uma mão milagrosa.

João Batista perguntou
Fazendo um ar de riso:
- Que é isso, meu irmão
Queres perder o juízo?
Já vi que este retrato
Vai te causar prejuízo.

Respondeu Evangelista:
- Pois meu irmão, eu te digo
Vou sair do país
Não posso ficar contigo
Pois a moça do retrato
Deixou-me a vida em perigo.

João Batista falou sério:
- Precipício não convém
De que te serve ir embora
Por este mundo além
Em procura duma moça
Que não casa com ninguém?

(...)

Logo que chegou na Grécia
Hospedou-se Evangelista
Em um hotel dos mais pobres
Negando assim sua pista
Só para ninguém saber
Que era um capitalista.

Ali passou oito meses
Sem se dar a conhecer
Sempre andando disfarçado
Só para ninguém saber
Até que chegou o dia
Da donzela aparecer.



“O PAVÃO MISTERIOSO” DE JOSÉ CAMELO!

Às duas horas da tarde
Creuza saiu à janela
Mostrando a sua beleza
Entre o conde e a mãe dela
Todos tiraram o chapéu
Em continência à donzela.

Quando Evangelista viu
O brilho da boniteza
Disse: - Vejo que meu mano
Quis me falar com franqueza
Pois esta gentil donzela
É rainha da beleza.

Evangelista voltou
Aonde estava hospedado
Como não falou com a moça
Estava contrariado
Foi inventar uma ideia
Que lhe desse resultado.

No outro dia saiu
Passeando Evangelista
Encontrou-se na cidade
Com um moço jornalista
Perguntou se não havia
Naquela praça um artista.

Respondeu o jornalista:
- Tem o doutor Edmundo
Na rua dos operários
É engenheiro profundo
Para inventar maquinismo
É ele o maior do mundo.

Assim disse Evangelista:
- Meu engenheiro famoso
Primeiro vá me dizendo
Se não é homem medroso
Porque eu quero custar
Um negócio vantajoso.

Respondeu-lhe Edmundo:
- Na arte não tenho medo
Mas vejo que o amigo
Quer um negócio em segredo
Como precisa de mim
Conte-me lá o enredo.

- Eu amo a filha do conde
A mais formosa mulher
Se o doutor inventar
Um aparelho qualquer
Que eu possa falar com ela
Pago o que o senhor quiser.

- Eu aceito o seu contrato
Mas preciso lhe avisar
Que eu vou trabalhar seis meses
O senhor vai esperar
É obra desconhecida
Que agora vou inventar.



Ficou curioso para saber qual a ideia de Evangelista?

<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Antonio%20Ferreira%20da%20Cruz&pesq&pagfis=53750>

CORDEL DA LITERATURA

Nós já vimos como o cordel passou a ser uma maneira de concretizar a voz da-queles que não a tinham. Por meio de poemas, os cordéis relatavam informações, ensinavam e divertiam – tudo adaptado para uma população de maioria analfa-beta!

Ainda hoje o cordel é muito utilizado para disseminar boas práticas e os direitos os quais todas as pessoas possuem. Vamos ler o cordel “Cidadania” pela profes-sora Marlene Ramos e iniciar nossa aventura, começando a pensar sobre cidade-nia?

Fique atento sobre o que seria a cidadania, segundo a cordelista.

“CIDADANIA” DE MARLENE RAMOS!

Peço licença a todos
Que estão aqui presentes,
O que vou falar agora
Vai deixar todos contentes.
O assunto aqui tratado
É da cidadania, minha gente.

Cidadania é uma palavra,
Falada por muita gente,
Mas, que muitos não sabem
Seu sentido verdadeiramente.
Cidadania é o direito
De viver decentemente.

Cidadania é direito de ter
Ideia e poder expressá-la
Poder votar em alguém
Sem ninguém ameaçá-la
É ser negro ou homossexual
Sem ninguém discriminá-la

É praticar uma religião
Sem ser perseguido
É poder devolver um produto,
Estragado ou vencido
É poder desfrutar dos direitos
Que por nós foram conseguidos.

Ser cidadão é ter
Maior participação
É está ciente de tudo
Que acontece na Nação,
Se nós agirmos assim,
Seremos de fato cidadãos.

É conservar intactos
Os bens públicos da cidade
É tratar bem as pessoas,
Não importando a idade.
Se agirmos desse modo
Seremos cidadãos de verdade.

Ter cidadania é ter
Saúde e boa educação,
Ter emprego e também,
Ter uma habitação,
Usufruir dos direitos
Que estão na constituição.

Um cidadão deve ter
Direito à segurança
Menor deve ter lazer
E ser tratado como criança,
Mas, para muito brincar...
Fica só na esperança.

Cidadania é a pessoa,
Ter liberdade de se expressar,
Mas que a fala não venha
Outra pessoa magoar
É ser respeitado pelos outros
E também os respeitar.

Mas não é bem assim,
A realidade é diferente.
Respeito quase não existe,
Leitura é insuficiente.
Enquanto isso não mudar,
Nunca poderemos falar:
Eu sou cidadão verdadeiramente!

A EDUCAÇÃO
É A BASE
DE
TUDO.



INDICAÇÕES

VÍDEOS

"O que é literatura de Cordel?", canal Caminhos da Linguagem, Youtube.
(link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZqNAzDR2UI4>)

Peça "O Auto da Compadecida", representada pelo Grupo de Jovens Divino Coração com o apoio da Mirante Cia de Arte, encenada no Teatro Tuca em 2019, em São Paulo. (link: <https://www.youtube.com/watch?v=Fk17HKMA6YA>)

Jonas Kauffman em trecho da ópera Tosca, legendado em português. (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=90Qtn7S7TYM>)

Canal "Causos de Cordel", Youtube. (link: <https://www.youtube.com/channel/UCzHPiGqsPuguYI2EiBNafIA>)

Mestre J. Borges, mestre na arte da xilogravura, canal Vídeos do Portal, Youtube. (link: <https://www.youtube.com/watch?v=Pa8-C3-Ctrl&t=90s>).

LIVROS

O Auto da Compadecida, Ariano Suassuna.

O pavão misterioso de José Camelo, em quadrinhos.
(link: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CordelFCRB&pasta=Antonio%20Ferreira%20da%20Cruz&pesq&pagfis=53819>)



ATIVIDADES

As atividades abaixo são uma forma de verificar se você conseguiu compreender os assuntos tratados nesta apostila e se consegue aplica-los. Quando sua equipe tiver realizado as atividades, entregue as respostas em uma folha de papel identificada com o nome de sua equipe para a distribuição dos pontos. A equipe deve enviar as repostas antes do próximo encontro, ou seja, até o dia 20/08/2021.

ATENÇÃO

Veja as informações sobre a contagem dos pontos abaixo:

- A. Equipe realizou a atividade e entregou as respostas – **1 ponto.**
- B. Equipe acertou mais de 50% da atividade (mais de 05 questões) – **1 ponto.**
- C. Equipe que acertar 100% da atividade (as 10 questões) – **2 pontos.** Se mais de uma equipe acertar todas as questões, ambas ganharão os **2 pontos.**
- D. Atividade ponto extra (entre **5 a 10 pontos**) – feita de um poema em cordel sobre o que a equipe entende sobre cidadania. Se a equipe escolher realizar a atividade, integrante da equipe declamará o poema em vídeo e todos nós veremos sua declamação nos encontros. Avise-nos se sua equipe decidir fazer a atividade, pois pediremos que a comunicação do TCM-PA ajude vocês a gravar seus vídeos!
Até dia 01/10/2021.

QUESTÕES

1. A literatura de cordel é uma criação exclusivamente do Nordeste do Brasil, não tendo sido influenciada por qualquer tipo de arte estrangeira.
 VERDADEIRO FALSO
2. A literatura de cordel é uma forma de resistência para o folclore da região nordestina, já que trata dos costumes locais, fortalecendo as identidades re-gionais.
 VERDADEIRO FALSO
3. A literatura de cordel, por ser uma arte cuja principal característica é a oralidade, não possui uma forma característica de feitura. De fato, não utiliza qualquer tipo de métrica.
 VERDADEIRO FALSO
4. O cordel "O Pavão Misterioso", apresentado a você nesta apostila, é um exemplo de cordel de Romance.
 VERDADEIRO FALSO
5. A literatura de cordel possui como único tema o folclore popular, sendo totalmente apartada dos grandes acontecimentos locais.
 VERDADEIRO FALSO
6. Só podemos caracterizar como "cultura" aquela aprendida nas escolas e universidades e que se eterniza por meio da escrita.
 VERDADEIRO FALSO
7. Uma das razões pela qual a xilogravura foi o tipo de arte escolhido para acompanhar os folhetos de cordéis é a possibilidade de utilizar o mesmo .. de madeira várias vezes e, portanto, ter a mesma gravura em vários livretos.
 VERDADEIRO FALSO

ATIVIDADES

QUESTÕES

8. O verso abaixo teve uma palavra suprimida. Observe:

Corto xilo a canivete
E faço (_____)
No papel, que é brancura
Ponho o preto-radiação
Escrevo, e corto à mão
O que vem no pensamento
Assim sigo e sustento
Quem manda é o coração.

(Sebastião Nunes Batista).

O verso refere-se a (o):

- A. Cantiga dos antigos trovadores
- B. Música do Repente
- C. Folheto de Cordel
- D. Xilogravura

9. A afirmação "O _____ é baseado na poesia falada e improvisada, geralmente acompanhado de instrumentos musicais", refere-se ao cordel.

VERDADEIRO FALSO

10. Escreva, ao seu ver, os direitos citados no cordel "Cidadania" de Marlene Ramos.
